

O ocaso da unipolaridade e o renascimento da globalização

Eduardo Gudynas

OS DEFENSORES da atual globalização estão mudando seus argumentos. Agora reconhecem que os processos globais atuais geram desigualdade, mas atribuem os efeitos negativos ao fato de eles terem ficado sob o controle de uma única potência mundial. Os mesmos ideólogos que antes consideravam que os Estados Unidos eram o motor da mundialização agora sustentam que seriam os culpados de um mundo unipolar que impede uma globalização balanceada.

As evidências sobre os impactos da globalização são tão desoladoras que pareceria inevitável uma profunda mudança na condução dos processos globais. No entanto, só se admite que os Estados Unidos “estragaram” a globalização, tal como sustenta Steven Weber, diretor do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade da Califórnia. Em uma análise que publicou recentemente na revista *Foreign Policy*, junto com outros autores, assinala que as “más notícias para o século 21 são que a globalização tem um lado escuro significativo”.

Weber considera que as idéias convencionais da globalização são, em si mesmas, muito boas, mas adverte que propor que seja guiada por uma superpotência é um caminho errado. Esse é um exemplo de mudança de visão nos centros globais sobre o papel de Washington. Até há pouco tempo, defendia-se os EUA como motor global, polícia internacional e hegemônico benévolo. Influentes neoconservadores, como Michael Mandelbaum, não só rechaçavam que o país fosse qualificado como um império, como também reivindicavam acentuar seu papel de governante mundial e exigiam que as demais nações industrializadas o apoiasse ainda mais.

É evidente que esses raciocínios são de uma superficialidade assombrosa. Nunca se aclaram os verdadeiros significados de um governo mundial sentado em Washington (quem pode defender com seriedade que o Congresso dos EUA sirva à representação dos demais povos do planeta?). Tampouco se exploram contradições evidentes tais como o uso da força militar, ou o rechaço dos compromissos globais com a pobreza, a paz ou o ambiente. A alternativa de uma globalização multipolar também encontrava resistência por parte dos neoconservadores. Por exemplo, Niall Ferguson, da Hoover Institution, sustenta que “a alternativa a uma única superpotência não é uma utopia multilateral, e sim o pesadelo anárquico da Idade das Trevas”.

Os neoconservadores consideram que não há alternativa à unipolaridade, já que se cairia em uma “apolaridade”. Portanto, defendem o papel de Washington como agente policial global para evitar essa anarquia global, onde os portos da economia global “serão os alvos de saqueadores e piratas”, segundo Ferguson. É um cenário de caos e terrorismo planetário, onde esse analista chega a advertir, na *Foreign Policy*, que, na América Latina, “cidadãos miseravelmente pobres buscarão consolo na cristandade evangélica importada das ordens religiosas dos EUA”.

Relações assimétricas

Mas os erros e as conseqüências negativas do papel de Washington chegaram a tal ponto que a idéia de unipolaridade é insustentável. Reconhecer esse problema é um passo adiante, mas essas críticas avançam muito pouco. Não discutem as relações assimétricas de poder dos grandes sobre os pequenos, nem a base econômica e cultural da globalização atual. Apenas se questiona que o poder esteja em mãos de um único país, e se postula como solução passar a ter um grupo seletivo de superpotências que mantenha a pressão para as aberturas comerciais e a liberalização dos fluxos de capital. Sonham com um novo clube de governo mundial, ao qual deveria se somar Inglaterra, França ou Japão.

Reitera-se, assim, a fé na globalização atual, e se atribui a culpa pelos problemas atuais às aplicações ineficazes e defeituosas. Diz-se que a liberalização dos mercados e fluxos de bens, serviços e capital não são ruins em si mesmas, e sim que tudo ficou distorcido por uma distribuição assimétrica do poder.

As críticas aos EUA encontram muitos ecos no Sul, principalmente por este conhecer na própria carne algumas de suas expressões, por exemplo, no plano militar ou comercial. Mas a perspectiva crítica não pode ficar unicamente nesse plano, já que suplantar Washington por Bruxelas não significará nenhuma melhora para a América Latina, a não ser que aconteça, simultaneamente, uma mudança radical em como se entendem os processos globais.

Alguns países do sul são tentados a ingressar no clube seletivo de líderes globais em médio-prazo. Flerta-se principalmente com Brasil, Índia, África do Sul e China. Mas, mais além dessa presença, persiste de todas as maneiras uma globalização assimétrica, onde há grandes potências que devem “guiar”, “orientar” e “conduzir” os processos globais, e as demais nações deverão seguir e acatar.

Redesenho global

Sob essas idéias, o multilateralismo se rompe. A solução não está em contrabalançar esses tratados com outros com a União Européia; deve-se pôr em questão os fundamentos de relações internacionais baseadas em hierarquias e dependências, onde os “grandes” conduzem os “pequenos”. A multipolaridade não é uma solução suficiente para uma globalização unipolar, já que é toda a estrutura global que deve ser redesenhada. Essa é uma questão da maior importância, por exemplo, nas negociações da Comunidade Andina com Bruxelas, assim como nas conseqüências que poderia ter o acordo “socioestratégico” que os europeus outorgaram ao Brasil.

Além disso, essa é uma problemática que também deve se considerar na integração dentro da América Latina. Se ensaios como a União Sul-Americana apelarem aos mesmos mecanismos de hierarquias e tamanhos econômicos, onde os “maiores”, supostamente, devem guiar os “menores”, terminaremos reproduzindo dentro do continente as mesmas assimetrias e conseqüências negativas que hoje observamos em escala planetária.

(Alai - Agência Latino-Americana de Informação)

Eduardo Gudynas é investigador do D3E (Desenvolvimento, Economia, Ecologia, Equidade - América Latina), em Montevideu, Uruguai